

II Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVII Jornadas de Investigación Sexto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2010.

As representações sociais dos professores acerca da alfabetização.

Azevedo, Cleomar.

Cita:

Azevedo, Cleomar (2010). As representações sociais dos professores acerca da alfabetização. II Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVII Jornadas de Investigación Sexto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-031/564>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eWpa/22b>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

la construcción de nuevas subjetividades.

Si la apuesta política de la escuela "es aquella que permite a un cuerpo desplazarse del lugar asignado (desatando las profecías del fracaso con que muchos chicos llegan, haciendo sitio, ofreciendo mundos...) [...] aun cuando no podemos saber de antemano por qué caminos alguien se aventure ni hasta dónde podrá llegar" (Rattero; :161); entonces es mucho lo que resta por pensar y hacer, desde una perspectiva de género, en pos de inscribir la universidad en las perspectivas en torno al porvenir.

NOTAS

1) Admitido en el Doctorado en Semiótica del Centro de Estudios Avanzados de la Universidad Nacional de Córdoba y dirigido por la Dr. Adriana Boria y el Dr. Facundo Ortega. Se desarrolla con Beca Doctoral CONICET y se inscribe en un Programa de Investigación más amplio, denominado "*Ingreso a la universidad. Relación con el conocimiento y construcción de subjetividades*", dirigido por el Dr. Facundo Ortega y co-dirigido por la Lic. María Elena Duarte. (CEA. UNC).

2) Agradezco y me considero deudora de las finas observaciones y apreciaciones del Dr. Facundo Ortega para la construcción de ésta pregunta, surgida de una conversación en la que analizábamos una de las entrevistas de campo.

BIBLIOGRAFIA

- ARFUCH, L. (2002a): El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea. Argentina. Fondo de cultura económica. Segunda reimpresión (2007).
- BOURDIEU, P. (2000): La dominación masculina. Anagrama, Barcelona, España.
- BOURDIEU, P. (2001): ¿Qué significa hablar? Akal ediciones. Madrid, España. 3ª edición.
- BOURDIEU, P. (1999): Meditaciones pascalianas. Barcelona. Editorial Anagrama.
- BUTLER, J. (1990): Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. Tomado de Sue-Hellen Case (ed.), *Performing Feminisms: feminist critical theory and theatre*, Johns Hopkins Press
- BUTLER, J. (2001): El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad. México. Paidós.
- BUTLER, J. (2005): "Regulaciones de género". En: La ventana. Número 25. Reproducido de: "Undoing Gender". Routledge/Taylor & Francis Group.Ilc.
- CARLI, S. (2007): La experiencia universitaria contemporánea. Transmisión y sociabilidad. Conferencia realizada el 4 de octubre de 2007 en el edificio de Graduados de la facultad de Odontología. Organizada por el Programa de Evaluación, Acreditación e innovación, Subsecretaría de Grado de la Secretaría de Asuntos Académicos.
- HARAWAY, D. (1991): Conocimientos situados: la cuestión científica en el feminismo y la perspectiva parcial. En *Ciencia, cyborgs y mujeres*. Madrid: Cátedra/Universitat de València.
- MARRERO, A.. (2006): "El asalto femenino a la Universidad: un caso para la discusión de los efectos reproductivos del sistema educativo en relación al género". En: *Revista Argentina de Sociología*, año/vol. 4. N° 007. Disponible en: <http://redalyc.uaemex.mx>
- ORTEGA, F. (1996): Los desertores del futuro. Argentina. Edición del Centro de Estudios Avanzados. Universidad Nacional de Córdoba.
- ORTEGA, F. (2000): Atajos. Saberes escolares y estrategias de evasión. Córdoba. Narvaja.
- ORTEGA, F. (2010): Notas tomadas de la supervisión del Proyecto de Tesis Doctoral.
- RATTERO, C. (2009): "La pedagogía por inventar". En: Larrosa, J. & Skliar, C. (Comp.) -2009-: *Experiencia y alteridad en educación*. Homo Sapiens Ediciones. Argentina.
- SKLIAR, C. (2007): La educación [que es] del otro. Argumentos y desierto de argumentos pedagógicos. Edición Novedades Educativas. Argentina.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS PROFESSORES ACERCA DA ALFABETIZAÇÃO

Azevedo, Cleomar

Centro Universitário /UNIFIEO. Brasil

RESUMEN

A formação dos docentes em São Paulo demonstram um grande contingente de professores que atuam no processo de alfabetização com uma boa formação ou com cursos que envolvem sua atualização. Contudo temos resultados que apontam dificuldades neste processo, aonde existem alunos que são promovidos com grande defasagem. Será que o desempenho dos docentes está voltado aos novos conhecimentos ou será que estes docentes continuam a reproduzir uma prática do mundo de suas representações, como: os modelos que influenciaram em sua formação e escolha profissional? Esta pergunta é a questão que permeia esta proposta de pesquisa. Entre os fatos relacionados e a significação do social na representação do educador e a não atenção ao sujeito individual, da personalidade e da afetividade, tem gerado contradições. A busca da representação social da profissão docente do alfabetizador é o objetivo desta pesquisa que foi desenvolvida junto a professores alfabetizadores, através de entrevistas gravadas e transcritas na íntegra. A análise gráfica do discurso (Lane) foi o instrumento utilizado para que pudéssemos levantar as representações sociais dos docentes em sua atuação, envolvendo o seu autoconhecimento, sua reflexão sobre sua atuação e a de seus alunos; e quais as implicações existentes neste processo de aprendizagem, levando-se em consideração os aspectos que possam construir competências que o levem à autonomia.

Palabras clave

Representações Docência Alfabetizador Psicopedagogia.

ABSTRACT

THE TEACHERS OF SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT THE LITERACY

The training of teachers in Sao Paulo showed a large contingent of teachers working in the literacy process with a good training or courses involving his atualização. Yet have results that indicate difficulties in this process, where there are students who are promoted with great lag. Does the performance of teachers is aimed to foreground or will these teachers continue to play a practice in the world of their representations, as models that influenced in their training and career choice? This question is the question that permeates this proposed search. Between the related facts and significance of social representation of the educator and not focus on individual subject's personality and affection, has generated contradictions. The pursuit of social representation of the profession of teaching literacy is the goal of this research which was developed together the teachers' literacy, through interviews and transcribed integrates. The graphical analysis of speech (Lane) was the instrument used to enable us to raise the social representation of teachers in their actions, involving his self, his reflection on his performance and of their students, and what are the implications in this learning process, taking into account the aspects that can build skills that lead to autonomy.

Key words

Representations Teaching Literacy Psychology

No passado, as mudanças sociais eram demoradas e, por isso mesmo, havia tempo para se preparar para elas e sua chegada era comemorada por muito tempo, havia o chamado período de adaptação às mudanças. O caráter inovador se fazia presente por muitos meses, anos e, em alguns casos, décadas.

Na atualidade, assistimos a transformações que conduzem a profundas mudanças na vida dos seres humanos, tanto na perspectiva individual quanto na perspectiva coletiva. Hoje a dinâmica e a rapidez das mudanças sociais, econômicas e políticas chegam a ser, em certa medida, imprevisíveis. A atualidade tecnológica modificou a dinâmica social, provocando mudanças nas diferentes áreas e no relacionamento entre as pessoas.

Nesse contexto de mudanças, encontram-se os profissionais e a sua busca pelo fazer profissional, e este tem características particulares como: o domínio de um corpo de conhecimentos específicos, com requintes de abstração; que assegura as fronteiras diante de outras profissões; e formas e instrumentos de controle e regulação da profissão e dos profissionais (formação e prática). Dentre os elementos constitutivos do poder profissional, ocupa lugar de destaque o conhecimento. A formação em nível superior assume posição de relevo, também, na sociedade brasileira, contudo as transformações sociais, decorrentes de mudanças no cenário político e econômico impulsionaram alterações no âmbito educacional, modificando a realidade dos professores, alunos e demais integrantes da comunidade acadêmica.

Essas mudanças têm sido preocupação de diversos pesquisadores: Camargo, 2004; Catani, 2004; Cunha, 1989; Oliveira, 1994; Penin, 1994; Veiga, 1998 e outros. O docente, ao ser atingido por essas mudanças, provoca, igualmente, alterações no seu fazer pedagógico, modificando formas de pensar e organizar o seu trabalho.

É com a preocupação de entender o como o professor alfabetizador pensa a sua atuação e prática, diante das transformações ocorridas, que foi desenvolvida esta pesquisa, cujo objeto de estudo é compreender: "As Representações Sociais dos Professores acerca da Alfabetização".

O conceito de representação há muito integra o pensamento sociológico. No período clássico, foi destacado e trabalhado por Émile Durkheim e Marcel Mauss como uma forma de analisar a realidade coletiva, pois expressava os conhecimentos, as crenças e sentimentos do grupo social. No século XX, o conceito está novamente em destaque, por um esforço não da sociologia, mas da psicologia social. Serge Moscovici promove a substituição do termo coletivo por social e lhe amplia o significado: não somente traduz como também produz conhecimentos.

O renascimento do conceito, conforme Oliveira (1999), acontece graças ao empenho da psicologia social europeia, tanto no que se refere à teoria quanto no que diz respeito à pesquisa. Dois autores, a saber, Gilbert Durand e Serge Moscovici, o primeiro representante dos estudos do imaginário, procurou traduzir, representar a realidade, através dos significantes. Em seu olhar, o significante atribui sentido, significado, representa algo. Deste modo, aborda o problema das representações para compreender os significantes.

Em Durand, existem duas maneiras de representar o mundo através da consciência: "direta", onde o objeto é perceptível ou sensível e "indireta", onde o objeto se encontra ausente. Ou seja, numa o objeto está presente, já na outra é preciso presentificá-lo, representá-lo. Todavia, em ambas, a questão central é de cognição e de comunicação, pois o objetivo é clarificar a realidade do grupo. Realidade que interessa a Moscovici, que se preocupa com as mudanças e as permanências da vida social; que indaga sobre o motivo das representações, das reações do grupo e do indivíduo. A importância de sua análise é fundamental para entender as representações na atualidade. Moscovici (1978) percebe as representações como entidades "quase tangíveis", presentes na realidade, que se manifestam em palavras e expressões, em produções e consumo de objetos, em relações sociais. Para ele, "correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica". (Moscovici, 1978, p.41).

Todavia, o autor de "A representação social da Psicanálise" alerta

para a dificuldade de se apreender o conceito de representação, diferentemente do que ocorre com sua realidade, ou seja, à maneira que os homens pensam, agem, procuram compreender o sentido de suas ações e pensamentos. Seu estudo "se focaliza na maneira pela qual os seres humanos tentam captar e compreender as coisas que os circundam e resolver os 'lugares comuns' e quebra-cabeças que envolvem seu nascimento, seus corpos, suas humilhações, o céu que vêem, os humores de seu vizinho e o poder a que se submetem". (Moscovici, 1985, p.02).

Nas sociedades modernas a representação não é a, mas uma das formas de apreender a realidade, a representação coexiste com o pensamento filosófico e técnico-científico, podendo ser influenciada ou, contrariamente, opor-se a essas concepções. As representações são então, uma maneira de interpretar e comunicar, mas também de produzir e elaborar conhecimentos.

O sentido de uma representação não poderá ser captado se isolarmos da dinâmica na qual se vai configurando, cristalizando-a. Este sentido não se esgota na linearidade do dado, no manifesto, mas vai se delineando nas imbricações, contradições e conflitos entre verdades, certezas, e as questões desarticuladas, que a vivência impõe. Esta dialética faz da representação social, o sentido existente e o espaço possível de sua transformação.

METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Em coerência com esta posição teórica, a pesquisa definiu seu caminho específico, as respostas dos professores. De acordo com a perspectiva analítica assumida, suas representações articulam as idéias que circulam na sociedade, reconstruídas a partir de sua vivência, de sua história e de suas relações, neste conjunto estarão a formação recebida e a própria experiência de trabalho.

A modalidade escolhida desta pesquisa envolveu o diálogo a confiança para poder construir uma relação de confiança com a pesquisadora, pois como insiste Dolto "*...na linguagem, não há somente a palavra*" (1999, p.46). As respostas traziam uma grande complexidade entre a necessidade de sobreviver e de garantir certa coerência entre suas idealizações e o concreto. O grupo de professores é bastante heterogêneo com relação ao tempo de atuação e idade, mas composto em sua maioria por mulheres, apenas dois homens entre 27 sujeitos.

A queixa da sobrecarga de trabalho é um fator apontado como a dificuldade para um bom desempenho profissional, o que suscita ansiedade, e faz com que o uso de generalizações de lugares comuns, seja mecanismos utilizados para retornar ao discurso. A pergunta "*Como é a vida de Professor*", possui respostas que deixa claro o conflito entre a realidade e o ideal:

"A vida de professor é complicada porque você não trabalha só na escola você trabalha também em casa e não tem tempo disponível para preparar as atividades, para preparar a aula e dar continuidade aos conteúdos que estão sendo dados"... (p2)

"A vida de um professor é uma vida difícil, pois nós temos que conviver com diferentes tipos de pessoas temos que conciliar nossa vida pessoal também que não é fácil, porque o professor é mal remunerado a gente não pode pagar uma pessoa para nos ajudar em casa, a gente acaba levando um monte de coisas pra fazer em casa, pra corrigir preparar aula porque a gente não pode entrar na sala de aula sem antes ter um preparo e eu acho uma vida muito difícil, nós não somos reconhecidos"... (p7)

"A vida de professor é muito difícil porque mesmo hoje, os professores da escola do estado estão sendo desvalorizados, e com isso nós professores estamos ficando desmotivados, pois nem o estado nem os alunos estão nos valorizando"... (p6)

É interessante observar que quando o professor fala de si e da desvalorização da profissão, isto se faz através de efeitos de estímulos pelos quais se exime de responsabilidades, criando para si um espaço de justificação: o problema fundamental da profissão decorre da falta de tempo e do excesso de trabalho. Outro aspecto interessante: esta argumentação não é questionada nem concluída, é abandonada, à medida que o processo de palavra vai fluindo e não volta ao longo de todas as respostas.

Podemos levantar a presença de idéias socialmente aceitas, estereotipadas, através das quais o sujeito tenta se defender da exposição que a situação de entrevista impõe, salvaguardando

sua imagem positiva de si. Um outro aspecto a considerar é a conotação de provisoriedade que vai sendo atribuída a própria profissão, mesmo aqueles que afirmam gostar, isto se faz em estilo indireto, com frases inconclusas, aproximando idéias sem explicitar conexões, ou construindo a mudança através de uma atividade projetada, como uma fantasia. Esta provisoriedade associa-se a alguma ordem de insatisfação, mesmo quando reitera a satisfação que tem na profissão.

“A vida de professor é uma vida muito trabalhosa, porque você além de ter o conhecimento e ser obrigado a ter o conhecimento, e de passar para o aluno é meio trabalhoso, porque alfabetizar não é fácil, alfabetizar é uma coisa muito assim, tem que ter muito domínio, mas o mesmo tempo é gratificante”..(p5)

“A vida de professor pra mim é assim muito importante eu acho uma carreira interessante, pois tenho que alfabetizar uma criança e isso não é fácil, temos uma responsabilidade muito grande com o mundo. A minha vida com certeza é muito corrida, pois temos que nos virar em dez para conseguirmos ajudar todos os alunos”. “É muito corrida, mas é muito gostosa ao mesmo tempo, também porque é assim..., você lida com as crianças, com os pais e com os problemas ao mesmo tempo”..(p3)

Com relação à atuação na alfabetização também demonstram conflitos angustias através de generalizações, lugares comuns, etc, normalmente utilizado como mecanismos pelos quais o sujeito procura retomar o discurso, justificando-se.

“Tem que se ter como alisa, tudo na vida um objetivo, e eu quero que eles saibam ler e escrever, e principalmente saibam o que estão lendo e escrevendo, eu trabalho com leitura e escrita e peço para eles lerem placas, vê televisão, para verem as palavrinhas que eles possam conhecer, possam conseguir ler eu uso de todas as formas, por isso não gosto de preparar muito aulas, fazer aqueles cadernos lindos maravilhosos, eu tenho uma meta a seguir, aquela eu sigo e vou embora, porque chega na hora eu mudo tudo, as vezes você prepara uma aula e chega na hora muda tudo, alguém faz alguma pergunta, e já passa para outro assunto, desenvolve outra conversa, porque a língua portuguesa ela é muito difícil, tem muitas palavras que tem vários significados, por exemplo manga, tem doce, a fruta, parte da blusa, então eu mostro para eles, mostro seus significados, sabe eu sou meia tradicional, uma tradicional mesclada”..(p25)

É importante observar que um dos questionamentos explicitados, refere-se à inadequação ou insuficiência da proposta do ensino da alfabetização e da sua formação para a prática profissional. Ha uma peculiaridade nesta argumentação, que a distingue das demais questões que vão surgindo: ao aborda-la, os sujeitos o fazem de forma clara, sem hesitações ou recorrências; os discursos mantem-se no nível geral, construindo se através de frases feitas, num estilo cumulativo e enfático.

“Porque eu só tenho segurança naquilo que eu faço, tudo hoje em dia é muito jogado, tem que ter uma ponte, porque se não tiver elas não conseguem, por isso que está esse caos na educação, eu começo pelo alfabeto; passo pela silabação, tem que mudar antigamente, você trabalhava, só com coordenação motora, depois com o alfabeto, primeiro com as vogais, eu não trabalho assim, que nem no primeiro bimestre trabalhamos até com a família do V, agora eu estou retomando, duas por semana, vou voltando com alguns textos pra eles fazerem, vou dando folhas para desenharem, pra eles assimilarem melhor, ai eles pintam o desenho eu falo vamos fazer uma frase com esse desenho, então é passo a passo que vou trabalhando, não aquela coisa jogada entregar a folhinha e pedem para eles fazerem uma redação, não pode fazer isso”..(p12)

A crítica a diferentes propostas de alfabetização é um dado que transparece explicito em alguns professores, estes acreditam que o como tem sido trabalhada a alfabetização não tem sentido para o aluno, e com isto justifica a sua atuação dentro de uma prática tradicional, mas com o conflito do que realmente é importante para este processo de aprendizagem.

“Você tem que explicar direitinho primeiro o que é escrever, como se produz um texto, retomando todos os dias, que nem agora, hoje eu estava retomando com eles o alfabeto, as famílias silábicas, depois novamente as vogais, trabalhei o B, C, D, E, F, explico onde eles vão encontrar essas palavrinhas, de onde podem tirar,

com quem as consoantes estão andando, dando a mãozinha, eu trabalho contando historinhas, pra chamar a atenção deles, o vocabulário é muito importante, eles nem olham muito para os lados, e, uma coisa que me incomoda, esse negocio de só dar, só passar letra de forma, a bastão, eu acho muito ruim, quando pegam as outras professoras os caderninhos dizem que eles não vão conseguir, escrever a cursiva, mas eu digo que eles conseguem sim, passo para eles tanto a letra de forma quanto a de mão, porque eles não encontram só a letra de forma por ai, eles encontram as duas, e porque não trabalhar também as duas, a maiúscula e a minúscula das duas, já ensino as quatro de uma só vez, muitas acham que eles sofrem mais aprendendo assim, eu não acho que vão sofrer mais, fiz até uma pesquisa sobre isso”....(p18)

Com esta fala a professora deixa evidente que não concorda com a possibilidade de trabalhar com alternativas diferentes neste processo de ensino, demonstra seu conflito tentando argumentar que o ensino esta errado, e tenta justificar sua atuação mostrando-se mais confusa pois argumenta que, neste caso foi ate pesquisar se esta correto o ensino daquela maneira.

Segundo Palacio (1992);

Durante muitos anos temos voltado nossas preocupações e pesquisas para o processo de aprendizagem da criança, mas não temos estudado nem investigado o processo de assimilação do professor, e é aqui que temos que concentrar nossos esforços”.

“Considero um ano (mais ou menos) de exercício de minha profissão o 1 ano meio nulo, porque mantinha como exemplo as aulas ou os tipos de aula que me foram dadas durante toda minha vida escolar. Minhas práticas de aulas não tinham outra fonte se não os livros didáticos, os conteúdos eram transmitidos exatamente como estava nos livros, paradidáticos ... só para manter a sala em silêncio enquanto os colegas não acabavam de fazer as atividades, depois fui percebendo que esse tipo de aula levava o aluno ... á lugar nenhum, não gosto de rotina (a menos que fosse proveitosa) e logo senti necessidade de desobediência aos modelos que me foram fornecidos”..(p7).

Muitos outros dados foram significativos nesta pesquisa, pois levantam importantes questionamentos sobre as questões que envolvem o ensino da leitura e da escrita em nossas escolas, e o que pensa e fala o professor acerca da sua proposta de atuação. O que podemos estar inferindo neste momento é que as representações que se faz presente em grande parte dos professores entrevistados sobre a aprendizagem da leitura e da escrita, é voltada a modelos anteriores que tiveram quando eles mesmos eram alunos. O grande desafio é saber o como podemos transformar esta situação em uma nova aprendizagem....

BIBLIOGRAFIA

- DOLTO, F. Tudo é Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FERREIRO, E. Os Filhos do Analfabetismo. Porto Alegre: Artes medicas, 1992.
- MADEIRA, M.C. Representações sociais: pressupostos e implicações. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, 1 71, 1991. p. 129-144.
- MOSCOVISCI, S. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MOSCOVISCI, S. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- OLIVEIRA, M. “Representação social e simbolismo: os novos rumos da imaginação na sociologia brasileira”. IN: Revista de ciências humanas. Curitiba: Editora da UFPR, n.7/8, 1999, p.173-193.